

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
DOUBLE BILL
11 de Fevereiro de 2023

WHAT MAISIE KNEW / 1975

um filme de Babette Mangolte

Realização, Argumento, Fotografia, Montagem: Babette Mangolte / **Música:** “Études Symphoniques”, por Schumann, “Flute solo”, por Jon Gibson / **Com:** Epp Kotkas, Kate Manheim, Saskia Noordhoek-Hegt, Linda Patton, Yvonne Rainer and Jerry Bauman, James Barth, John Erdman e Philip Glass.

Produção: Babette Mangolte / **Cópia:** em 16 mm, preto e branco, falada em inglês, sem legendas / **Duração:** 56 minutos / **Prémios:** Prix de la Lumière, Toulon Film Festival, Toulon, França, 1975 / Primeira exibição na Cinemateca.

What Maisie Knew é apresentado em “Double Bill” com **Yama no Anata / Para Além das Montanhas**, de Aya Koretzky (“folha” distribuída em separado). Entre a projecção dos dois filmes há um intervalo de 20 minutos.

Nota: Dada a quase ausência de diálogos de **What Maisie Knew** (em língua inglesa), o filme não será legendado electronicamente em português.

What Maisie Knew é a primeira longa-metragem de Babette Mangolte, cineasta, fotógrafa e directora de fotografia que nos anos setenta trocou França por Nova Iorque, onde realizou este filme. Desde cedo, foram várias as suas colaborações com cineastas que começavam a filmar na altura em que terminou os estudos, entre os quais Chantal Akerman, com quem viria a trabalhar em vários filmes, sendo responsável pela fotografia de **Hotel Monterey** (1973) ou **Jeanne Dielman, 23, quai du commerce, 1080 Bruxelles** (1975), colaborando ainda com outros realizadores como Jean-Pierre Gorin (**Routine Pleasures**, 1986 ou **My Crazy Life**, 1991) ou Jackie Raynal, de quem era muito próxima (**Hotel New York**, 1984)

Autora de obras como **The Sky on Location** (1982), **Les Modèles de Pickpocket** (2003) ou **Four Pieces by Morris** (1993), o filme mais conhecido de Mangolte será **The Camera Je: (La Camera :I)** (1977), que já mostrámos na Cinemateca no contexto do programa que dedicámos às relações entre o cinema e fotografia, um filme que é uma excelente introdução à obra cinematográfica de Mangolte, trabalho de forte cariz experimental que em grande parte se centra sobre questões relacionadas com o movimento e a fixidez das imagens, as fronteiras entre a imagem fixa e a imagem movimento, a relação do cinema com as outras artes (não só a fotografia, mas também as outras artes visuais, a música e a dança) ou a questão do olhar.

What Maisie Knew não é uma excepção. Realizado após a sua chegada a Nova Iorque, cidade para a qual se mudou porque, como contou várias vezes em entrevistas, queria poder filmes de Michael Snow ou Stan Brakhage – é nessa altura que conhece Snow, depois de ter sido marcada por **Wavelength** (1967) e **La Région Centrale** (1971), que irão determinar a sua vontade de fazer cinema, e abrir os seus horizontes no que respeita ao que podia o cinema. Em 1974 Mangolte trabalharia com Snow em **Rameau's Nephew [by Diderot (thanx to Dennis Young) by Wilma Schoen]** (1974).

É dessas possibilidades alargadas do cinema, nas suas relações com as artes performativas, que trata **What Maisie Knew**, sendo que desde cedo Mangolte não só filmou, como documentou fotograficamente o que de mais interessante se passava com a cena experimental do teatro, da dança e da performance nos anos 70 e 80. As presenças em **What Maisie Knew** são elucidativas. Realizado entre amigos, conta com as participações de nomes tão sonantes como Yvonne Rainer ou Philip Glass, criadores cujos nomes se continuariam a cruzar com os de Mangolte. Já em 2007 e 2008, Mangolte realiza dois filmes com e sobre a dança Rainer.

Tomando como ponto de partida o olhar de uma criança sobre o mundo que o rodeia, **What Maisie Knew** adota a liberdade e a “ingenuidade” desse suposto olhar ainda não formatado pelo olhar dos adultos (ou do cinema) para produzir um objecto verdadeiramente livre e guiado por uma lógica próxima do sonho, tão cara aos surrealistas. Quase sem diálogos (as frases mais longas reportam a uma leitura em voz alta do genérico), a liberdade expressa-se desde logo na montagem assente numa acumulação de sequências e situações algumas sem relação aparente, deixando muita margem de leitura para o espectador.

De um movimento de câmara que percorre lentamente um corpo feminino ao som do piano, a um espaço que se revela através do excesso de luz que penetra por várias janelas, **What Maisie Knew** constrói um mundo à parte, que corresponderá à hipotética percepção de Maisie sobre o mundo dos adultos que a rodeiam, que a procuram ou a chamam de tempos a tempos, como que a despertá-la do sono. A música ou o recorrente som do vento, que a dada altura começa a pontuar o filme, acentuam esse mesmo mundo à parte dominado um pensamento coreográfico (as deslocações e os movimentos das personagens nos planos, as danças ao ar livre,...).

Muito levemente baseado no romance escrito por Henry James em 1897 que se centrava sobre uma criança apanhada no meio da relação tempestuosa dos seus pais, como dirá Mangolte citando o próprio Henry James “ainda teremos muito tempo para imaginar o que Maisie saberia”. E são de Mangolte as palavras que constituem a chave de **What Maisie Knew**: “o filme é sobre o acto de olhar”. Um filme organizado em torno de uma câmara subjectiva, que se identifica com o olhar ou a visão de uma criança que observa o mundo à sua volta, filtrando um quotidiano turbulento e em mudança. Caberá a cada espectador ligar as várias peças, numa narrativa assumidamente aberta que privilegia as pequenas variações e a repetição, numa clara aproximação à música.

Joana Ascensão